

OS JESUÍTAS, A ACOMODAÇÃO E A TOLERÂNCIA

João Madeira*

RESUMO: “Accommodatio”, a estratégia retórica já presente em Cícero e em outros oradores clássicos, foi muito utilizada pelos missionários jesuítas na Idade Moderna. “Accommodatio” implica o reconhecimento da racionalidade do outro (indígena, africano ou asiático), e não meramente o impulso de cristianizar ou civilizar o inculto. Primeiro, o conceito de ‘acomodação’ é estudado em seus principais elementos constitutivos e em suas implicações. Segundo, nota-se que também o indígena aparece como dotado das mesmas potências anímicas que os europeus. O material para este estudo é a constatação, patente em estudos anteriores sobre obras e estilos literários produzidos pelos jesuítas, de que a pregação se completava com a ativação, por parte de cada ouvinte, do conhecimento, pois pelo pensar cada um gera o próprio conteúdo pensado, portanto, “accommodatio” implica a tolerância para com o outro. Assim, os conteúdos tinham que ser apresentados aos indígenas e eles, por sua capacidade de entendimento, poderiam compreendê-los.

PALAVRAS CHAVE: jesuítas, acomodação, história da Companhia de Jesus, saberes psicológicos, pregação.

ABSTRACT: “Accommodatio”, the rhetoric strategy already devised by Cicero and by some other classical authors, was commonly practiced by the Jesuits in modern times. “Accommodatio” implies the recognition of the rationality of the other (Indians, Africans, or Asians) and is not the mere impulse to Christianize or Civilize the heathen. First, we will study the concept of ‘accommodation’, its main components, and its implications. Second, we will notice that the Indians were perceived as possessing the same psychological potencies as the Europeans. The material to be used is some previous studies on the texts and styles produced by the Jesuits which have shown that the preaching activity had to be followed by another activity on the part of the audience which meant that the knowledge only became actual by the active participation of the audience, thus presupposing an attitude of toleration with regard to the other. Therefore, the contents were presented to the Indians by the preacher, but it was only by the Indians’ capacity of understanding that they could actually understand the preachers.

KEY WORDS: Jesuits, accommodation, history of the Jesuit Society, psychological ideas, preaching.

A proposta deste trabalho é refletir sobre a “accommodatio” (=acomodação) como estratégia retórica e como atitude de abertura ao outro. Marina Massimi e Geisa Rodrigues de Freitas definem este conceito da seguinte maneira: “‘acomodação’ - recurso retórico que implica o conhecimento psicológico do outro como base para o estabelecimento de novas relações sociais”. (MASSIMI & FREITAS, 2007). Tendo este termo, portanto, uma forte ligação com uma atitude de tolerância.

O termo “accommodatio” é bastante utilizado para descrever a atitude dos missionários jesuítas na Ásia da Idade Moderna e, como claramente demonstraram Marina Massimi e Geisa Rodrigues de Freitas, também o mesmo conceito pode ser aplicado à prática dos missionários jesuítas no Brasil. Implícito nesta prática está o

* Pós-doutorando na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo, bolsista FAPESP.

reconhecimento da racionalidade do outro (indígena, africano ou asiático), e não meramente o impulso de cristianizar ou civilizar o inculto.

Se a pregação tinha como pressuposto implícito a possibilidade da comunicação e o entendimento mútuo, isto implicava que a alteridade do indígena aparecesse ao missionário jesuíta como dotada das mesmas potências anímicas que os europeus, potências que tinham sido amplamente estudadas nos anos de formação dos jesuítas, sobretudo através dos comentários aristotélico-tomistas ao *De anima*. O objetivo é estudar a atitude de abertura dos missionários jesuítas frente às pessoas com quem eles se relacionavam nas terras distantes (as *índias*) e identificar a compreensão da dinâmica interior da pessoa humana que alicerçaria esta postura. Traços desta compreensão podem ser identificados em obras e estilos literários produzidos pelos jesuítas dos séculos dezesseis e dezessete, especialmente no Brasil.

Num primeiro momento vai-se analisar o conceito de ‘acomodação’, em seus principais elementos constitutivos e em suas implicações para a compreensão da relação entre missionários e populações indígenas. Depois de estabelecidas estas conexões, fica aberto o caminho para se estudar qual seria a concepção jesuíta das potências anímicas constitutivas da pessoa humana. Com este segundo passo, fica demonstrada a pressuposição básica de que os indígenas eram possuidores das mesmas potências e da mesma racionalidade que os missionários europeus.

Para a contextualização completa do tema ‘acomodação’ como estratégica retórica, tanto em termos do significado quanto da documentação de seu uso nas obras dos jesuítas, fica a indicação da leitura do artigo de Marina Massimi e Geisa Rodrigues de Freitas (2007). Nesta obra, as autoras indicam que o uso da acomodação serve como auxílio para compreender a função “terapêutica” das palavras, pois:

A palavra eloqüente não apenas veicula a coisa, como induz comportamentos diante dela, associando a razão à verdade e à moralidade, e chamando em causa a liberdade como condição de tal associação (MASSIMI & FREITAS 2007, 112).

Neste trecho, nota-se dois elementos fundamentais para compreender o contexto desta reflexão: a necessidade de associar na pregação o que é dito à verdade e a pressuposição da liberdade de quem ouve tal pregação em fazer tal associação.

Este segundo elemento se torna mais claro ao se constatar que, mais do que um talento individual de determinado pregador, trata-se de um esforço coletivo de imprimir este caráter através da formação dos futuros pregadores com os instrumentais mais adequados para tal finalidade, advindos de uma longa tradição, que remonta ao próprio Aristóteles e que teve inúmeras contribuições, principalmente de Tomás de Aquino:

O modelo retórico jesuítico pode ser considerado um dos mais abrangentes: por se embasar em uma concepção da estrutura humana advinda da tradição aristotélico-tomista, além de propor um mecanismo de intervenção relacional baseado na retórica aristotélica, promoveu um saber teórico e prático acerca do homem e de seu dinamismo psíquico (MASSIMI & FREITAS 2007, 113).

Há, sem sombra de dúvidas, a pressuposição básica de uma verdadeira interação entre o pregador e o ouvinte, pois contrariamente a uma simples performance de espetáculo visual no qual o público se restringiria a assistir, trata-se de uma interação que pressupõe a participação ativa tanto do pregador quanto dos ouvintes:

...possibilitando assim uma relação dinâmica de intercâmbio entre pregadores e destinatários. Ao mesmo tempo, por parte do pregador haveria a necessidade de um conhecimento da cultura dos destinatários e uma decorrente modificação de seu próprio mundo da vida originário. (MASSIMI & FREITAS 2007, 114).

O termo ‘acomodação’ tem uma história e adquire um significado técnico. Sua origem remonta ao grande orador latino Cícero. Desde a sua origem, o termo já estava impregnado com os aspectos de interação ativa entre orador e destinatário, além de deixar claro que esta interação somente seria possível se o orador tivesse diante de si um conhecimento profundo da cultura de seu público:

...“acomodação” (do Latim *accomodatio*, derivada de *commodus* – *cum* + *modus*, sendo o mesmo que “*com modos, com medida*”), o qual remete ao sentido de adaptação, apropriação, de conciliação ou atitude mediadora. Segundo o orador e filósofo latino Marco Túlio Cícero (1926), a verdadeira retórica caracteriza-se pelo uso de recursos que disciplinem o discurso e o comportamento do orador, para que ele possa persuadir, com maior eficácia, os ouvintes... ...se o orador transmitir algo que não faz sentido para o universo cultural do público, este não se mobilizará para a persuasão e modificação da conduta. (MASSIMI & FREITAS 2007, 114-115).

Contudo acomodação não é sinônimo exato de adaptação, pois a acomodação em retórica tem o objetivo de maximizar a eficácia da palavra, ao passo que adaptação sugere um contexto ligado à evolução do ser vivo e suas relações com o ambiente (MASSIMI & FREITAS 2007, 115).

Pelas pesquisas das autoras também fica evidente que a acomodação é citada por Inácio de Loyola e está por detrás da recomendação de Vieira de que se deveriam aprender as línguas dos indígenas, inclusive modificando o próprio corpo para produzir os sons das línguas dos indígenas. A acomodação seria, portanto, uma prática diária dos missionários a fim de reduzir as grandes distâncias culturais que os separavam dos indígenas.

Obviamente que muito ainda se poderia dizer a este respeito, porém o objetivo da presente reflexão é aprofundar a compreensão da medida de liberdade envolvida na acolhida da palavra pregada que “não apenas veicula a coisa, como induz comportamentos diante dela, associando a razão à verdade e à moralidade, e chamando em causa a liberdade como condição de tal associação” (MASSIMI & FREITAS, 2007, 112). É justamente por pressupor a liberdade que possibilita a participação ativa da audiência na produção dos frutos da pregação que se pode dizer que a acomodação é sinal de abertura e tolerância. E visto que esta tolerância pressupõe um conhecimento do dinamismo interno de quem ouve a pregação, se faz necessário estudar a abordagem aristotélico-tomista das potências anímicas.

A discussão sobre os sentidos internos ou potências da *psuchê* no *De anima* de Aristóteles se insere numa discussão maior sobre o que faz com que um ser vivo seja entendido como ‘vivo’ e como distinto do ‘não-vivo’ (KRETZMANN & STUMP, 2006, 128). Os sentidos internos estão em íntima sintonia com os sentidos externos, formando a dimensão perceptiva do ser humano. Estão também intimamente ligados com o entendimento, somente que neste caso têm natureza distinta deste último, pois ele constitui a dimensão do logos ou do pensamento do ser humano, dimensão esta distinta da dimensão perceptiva (EVERSON, 1997).

No tocante ao acesso que o entendimento tem aos objetos externos, Tomás entende que todas as operações do entendimento têm início com alguma percepção sensorial. Visto que Tomás concorda com o modelo aristotélico de que os sentidos são primordialmente faculdades passivas que são naturalmente suscetíveis de serem

modificadas ou alteradas por um objeto sensível externo, uma vez que Aristóteles diz que “a percepção sensível consiste em ser movido e ser afetado...” (*De anima* II 5 416^b33). Nesta dimensão sensorial há uma modificação material, que é a que ocorre devido ao contato com um objeto externo e uma modificação espiritual, que ocorre ao nível da *species* ou *intentio*, ou seja, através da forma ou similitude dos objetos externos.¹ É ao nível desta segunda modificação que o uso de imagens se mostra eficiente, sobretudo para uma audiência tão suscetível como a audiência indígena.

Em geral, pode-se resumir o quadro da divisão tomista dos sentidos internos² da seguinte maneira: *sensus communis*, imaginação, *aestimativa* (ou *cogitativa*) e memória. Todos estes sentidos externos estão localizados no cérebro. Apesar de os sentidos externos terem competência para julgar os objetos que lhes são próprios, é necessário um *sensus communis* para poder diferenciar entres os objetos de sentidos diversos e para identificar o próprio ato de perceber. A imaginação serve como depósito das coisas percebidas, que podem ser acessadas mesmo quando os objetos que as produziram já não estão mais presentes. Quando em cooperação com o intelecto, a imaginação pode combinar percepções diversas e produzir novas imagens (montanha de ouro). A função da *aestimativa* (mais própria dos animais irracionais) ou *cogitativa* (mais própria dos seres humanos) é perceber as *intentiones* que não são diretamente acessíveis aos sentidos externos (perigo ou proveito) e formar um julgamento instintivo de fugir do perigo ou aproximar-se do que é proveitoso (KRETZMANN, KENNY & PINBORG, 1997, 606-607). Os conceitos produzidos pelas operações dos demais sentidos internos são armazenados na memória.

Em algumas passagens, Tomás adota uma divisão simplificada que até parece mais adequada para descrever a postura aristotélica³ de agrupar os sentidos internos em dois, ou seja, adota o *sensus communis* e o complexo composto por imaginação, *aestimativa/cogitativa* e memória, ao qual designa pelo termo *phantasia*. Além disto,

¹ A este respeito, Aristóteles escreve em *De anima* II 12 424^a16ss que «no geral e em relação a toda percepção sensível, é preciso compreender que o sentido é o receptivo das formas sensíveis sem a matéria, assim como a cera recebe o sinal do sinete sem o ferro ou o ouro, e capta o sinal áureo ou férreo, mas não como ouro ou ferro».

² Tomás de Aquino trata das potências anímicas em *Summa theologiae prima pars Quaestio LXXVIII: De potentiis animae in speciali*. Logo em seguida, em *Summa theologiae prima pars Quaestio LXXIX: De potentiis intellectivis*, como o próprio título indica, ele trata das potências intelectivas.

³ É fato bem conhecido que no *De anima*, Aristóteles menciona explicitamente apenas *sensus communis* e *phantasia*, assim, esta última abrangeria também as funções de imaginação, *aestimativa/cogitativa* e memória.

ressalta o aspecto racional deste complexo, sendo que todos estes sentidos preparam o *phantasma* para o intelecto. A diferença entre o entendimento das pessoas estaria ligada às variações entre estes três sentidos (KRETZMANN, KENNY & PINBORG, 1997, 607).

Tomás de Aquino rejeita as teorias que propõem representações inatas na mente ou que são previamente plantadas na mente diretamente por alguma entidade superior, sem a necessidade de passar pelos sentidos (KRETZMANN, KENNY & PINBORG, 1997, 608), visto que Aristóteles ensina que o intelecto “... em potência é assim como uma tabuleta em que nada subsiste atualmente escrito...” (*De anima* III 4 429^b31).

Desta maneira, há a pressuposição de que os conteúdos tinham que ser apresentados aos indígenas e que eles, por sua capacidade de entendimento, poderiam compreendê-los. Se não se tratava de iluminação de algo que já tinham em suas mentes, os frutos da pregação seriam produzidos através da participação ativa da audiência, cuja mente possuía a aptidão natural para pensar, como ensina Aristóteles ao afirmar que “na maioria dos casos, a alma nada sofre ou faz sem o corpo, como, por exemplo, irritar-se, persistir, ter vontade e perceber em geral; por outro lado, parece ser próprio a ela particularmente o pensar” (*De anima* I 1 403^a3ss). Ao pregador ficava a tarefa de trazer diante da audiência as imagens capazes de produzir o efeito desejado. Depois que a atividade do pregador cessava, cada ouvinte teria que ativar por si mesmo o conhecimento, visto que é pelo pensar que cada um gera o próprio conteúdo pensado.

Referências Bibliográficas

AQUINO, T. de **Summa theologiae** disponível em <http://www.corpusthomisticum.org/iopera.html> Acesso em 13/10/2008

ARISTÓTELES **De anima** (apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis). São Paulo: Editora 34, 2006.

Commentarii Collegi Conimbricensis Societatis Jesu in tres libros De anima. Coimbra, 1598.

EVERSON, S. **Aristotle on Perception.** Oxford: Clarendon Press, 1997.

KRETZMANN, N. & STUMP, E. (edits) **The Cambridge companion to Aquinas.** Nova Iorque: Cambridge University Press, 2006.

KRETZMANN, N., KENNY, A. & PINBORG, J. **The Cambridge history of later medieval philosophy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

LOYOLA, I. **Cartas de Santo Inácio de Loyola**. Edição brasileira organizada por CARDOSO, A., São Paulo: Edições Loyola. Volumes três, 1993.

MASSIMI, M. e FREITAS, G. R. de “Acomodação Retórica e Adaptação Psicológica na Pregação Popular dos Jesuítas na Terra de Santa Cruz”. **Mnemosine** Vol.3, nº1, p. 111-135 (2007).

MASSIMI, M. **História da Psicologia Brasileira (até 1934)**. São Paulo, Editora Pedagógica Universitária, 1990.

MASSIMI, M. MAHFOUD, M. SILVA, P. C. S., AVANCI, S. R. S. **Navegadores, colonos e missionários na terra de Santa Cruz**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

MASSIMI, M. “A história das idéias psicológicas: uma viagem no tempo rumo aos novos mundos”. In **Diálogos Metodológicos sobre prática de pesquisa**. Ribeirão Preto, SP, 2000, pp. 31/41.

MASSIMI, M. **Palavras, almas, corpos no período colonial**. São Paulo: Ed. Loyola. 2005.

O'MALLEY, J. **Os primeiros jesuítas**. Primeira edição e tradução brasileira. Bauru, Edusc, 2002.

VIEIRA, A. **Sermões** (organização Alcir Pécora). Tomo I. 5ª reimpressão. São Paulo: Hedra, 2003.

VIEIRA, A, SI, **Sermões**, Porto, Lello & Irmão, 1993, cinco volumes.